

A ABORDAGEM DE ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA AVALIADA SOB A PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA DE KARL POPPER, THOMAS KUHN E IMRE LAKATOS

THE STRATEGY AS PRACTICE APPROACH VALUED UNDER THE EPISTEMOLOGICAL PERSPECTIVE OF KARL POPPER, THOMAS KUHN AND IMRE LAKATOS

TATIANA MARCEDA BACH¹
 CLAUDINEIA KUDLAWICZ²
 EDUARDO DAMIÃO DA SILVA³

RESUMO: Na área da administração, regularmente teorias novas surgem e testes são realizados por pesquisadores para comprovar o seu nível de corroboração. O presente estudo direciona seu olhar para a abordagem de estratégia como prática com o objetivo de analisar se a estratégia como prática configura-se como sendo ciência segundo o conceito de ciência contido em Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos. A pesquisa adota a perspectiva temporal transversal com perspectiva longitudinal de 18 anos, ao analisar 268 publicações relacionadas a abordagem de estratégia como prática e 184 planos de ensino. Verificou-se a presença de um movimento científico contrário de aceitação desta abordagem no campo científico de administração, principalmente por a estratégia como prática se encontrarem em fase pré-paradigmática e ainda possuir um núcleo duro formado que ofereça suporte maior a esta abordagem. A contribuição deste estudo para a área da administração consiste em apresentar a configuração da estratégia como prática no campo científico da administração sob o ponto de vista de autores epistemológicos.

Palavras-Chave: Administração como ciência, epistemologia, estratégia como prática.

ABSTRACT: In the area of administration, new theories arise regularly and tests are performed by researchers to prove their level of corroboration. This study directs his gaze to the approach of strategy as practice in order to analyze whether the strategy as practice is configured as science according to the concept of science contained in Karl Popper, Thomas Kuhn and Imre Lakatos. The research adopts cross-temporal perspective with longitudinal perspective of 18 years, when analyzing 268 publications related to strategy approach as a practical and 184 teaching plans. It was found the presence of a scientific movement opposed to acceptance of this approach in the scientific field of administration, especially by the strategy as a practice meet in pre-paradigmatic phase and still have a formed core offering greater support to this approach. This study contributes to the areas of administration is to present the setting of strategy as practice in the scientific field of management from the point of view of epistemological authors.

Keywords: Administration as Science, epistemology, strategy as practice.

Sumário: Introdução - 1 Referencial teórico - 4 Procedimentos metodológicos - 5 Análise e discussão dos dados - 6 considerações finais - Referências

¹ Doutoranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Email: tatibach@gmail.com

² Doutoranda em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Email: kclaudineia@gmail.com

³ Doutor em Administração, Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração e Decano da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

INTRODUÇÃO

Existe na comunidade científica um debate a respeito da cientificidade de determinadas áreas do conhecimento, entre elas, podem-se citar as ciências sociais, as quais, por possuírem um objeto de estudo subjetivo, divergente das ciências naturais ou da terra, são consideradas algumas vezes, como de caráter científico duvidoso. Esse fato ocorre em virtude do objeto de estudo das ciências sociais serem os indivíduos e as organizações, suas interações com o ambiente interno e externo e seu desempenho. Em virtude disso, a adoção de critérios para mensurar sua cientificidade por meio de experimentos e observações, empregados com regularidade nas ciências naturais, se tornam mais complexos.

As ciências sociais podem fazer uso das contribuições da metodologia para que possa ser considerada científica, principalmente em considerar o rigor metodológico nas suas investigações. Nesse sentido, a ciência faz uso do método indutivo para identificar regularidades a respeito de determinado fenômeno, ou seja, por meio de observações e experiências tidas no passado hipóteses são formuladas, generalizadas, verificadas, criticadas e testadas (POPPER, 1975).

O processo de aprendizado sobre uma teoria ocorre quando os cientistas realizam investigações sobre a aplicação da teoria, para isso adotam critérios de observação e aceitação de uma comunidade científica, este último, faz da teoria adotar o *status* de paradigma (Kuhn, 2009). Além disso, uma perspectiva teórica também pode se tornar ciência a partir da articulação política compartilhada entre os pesquisadores e de que haja um consenso entre eles a respeito da solução dos problemas e respostas válidas que a abordagem irá ressaltar. Lakatos (1979), defende a ideia de que é papel do cientista investigar as teorias, sob o propósito de comprovar a cientificidade do programa de pesquisa, ou seja, de que as teorias apresentam um poder de explicação, que agreguem valor e reconhecimento ao programa.

Na área da administração regularmente novas abordagens surgem e testes são realizados por pesquisadores para comprovar a sua “cientificidade” ou carga de corroboração. Aliado ao surgimento de teorias, novos pesquisadores surgem no intuito de tentar defender o poder de explicação desse novo objeto, digno de admiração. Nesse sentido, autores como Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos avaliam ciência considerando diferentes perspectivas que contribuem para o conhecimento científico. Karl Popper parte da indução valorizando o experimento

científico empírico e que as teorias, para serem consideradas científicas, devem ser testadas empiricamente. Na visão de Thomas Kuhn o método mais adequado para analisar se determinado fenômeno é científico ou não é o dedutivo, ressaltando que a lógica em se analisar o fenômeno é mais importante do que o próprio teste empírico em si e por compartilhar desta visão, este autor é um dos críticos de Karl Popper. Imre Lakatos por sua vez, salienta aspectos compartilhados pelas duas visões. Nesse sentido, o presente estudo direciona seu olhar para a abordagem de estratégia como prática e a pergunta de pesquisa, que se pretende responder nesta investigação é: a estratégia como prática configura-se como sendo ciência segundo o conceito de ciência contido em Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos?

Esta pesquisa encontra-se estruturada em 5 seções além desta introdução: a segunda aborda a revisão teórica; a terceira os procedimentos metodológicos; a quarta apresenta a análise e os resultados encontrados e, na quinta, as considerações finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 KARL POPPER E O FALSEACIONISMO

A essência do pensamento de Popper (1975) se concentra na indução, que inicia na formação de crenças que são originadas a partir da repetição de fatos passados observados durante um determinado período de tempo. Essas características, que no passado ocorreram periodicamente, eram consideradas como certas (POPPER, 1975). Assim, por meio de observações feitas no passado, acreditava-se que sol nasceria novamente no próximo dia, tendo em vista que dessa forma assim o teria sido sempre. O conhecimento científico, segundo Köche (1997), é oriundo da investigação científica, na qual, busca-se encontrar respostas às dúvidas do homem e a uma melhor compreensão do mundo a partir da pesquisa científica e

Um dos critérios de demarcação de ciência de Popper (1975) é o falseacionismo. Para o autor, a determinação de que um enunciado seja considerado científico ou não deveria oferecer a oportunidade de o mesmo poder ser considerado como falso, ou seja, de falseá-lo. Nesse sentido, os critérios de demarcação são utilizados em momentos em que uma hipótese, após ser submetida a determinados critérios, poderia ser considerada uma teoria científica,

principalmente na diferenciação do que se configura ciência ou não (POPPER, 1975). A demarcação entre teoria científica e não-científica pode ser elencada por meio de critérios determinados por Popper (1975; 1980; 1989), que referem-se a: a) ser falsificável: toda teoria deve ser passível de ser falseada para que seja considerada científica, de modo que, caso uma teoria não seja passível de ser refutada, não pode ser considerada científica; b) ser verificável ou testável: as teorias devem ser verificadas empiricamente, ou seja, na comprovação desta, poder ser verdadeira ou falsa e; c) possibilitar a descoberta de novos fatos ou corroboração de uma teoria: uma teoria deve, além de descobrir novos fenômenos relacionados a ela, ser corroborada, pois quando uma teoria é sujeitada a testes que poderiam refutá-la, entretanto seus resultados não a refutam, indica a confirmação da robustez da própria teoria. Cabe mencionar que o critério de verificação não assegura que o conhecimento científico tenha sido alcançado, mas assegura que a hipótese continue sendo testada por outros critérios (POPPER, 1989).

Sob a ótica do falseamento, as especulações necessitam de comprovação, realizadas pela observação e pela experimentação, de modo que, as que não superam as provas, devem ser substituídas por outras. Popper (1975) menciona que as observações feitas no passado permitem a acreditação de acontecimentos no futuro, entretanto as observações a respeito dos fatos pressupõem a utilização de um olhar teórico anterior (POPPER, 1980) tendo como base a teoria. Assim, a nova teoria deve ser capaz de suprir a teoria anterior refutada em seu poder de explicação e, além disso, ser superior no intuito de complementar com explicações naquilo que a anterior não explica (POPPER, 1975). É papel do teórico avaliar o desenvolvimento da nova teoria, de submetê-la a novos testes, pois a mesma ainda pode ser falsa, assim o pesquisador tenta realizar reflexões sobre situações nas quais essa teoria pode falhar.

O progresso da ciência acontece em tentativas de ensaio e erro e de hipóteses e refutações. Nesse sentido, não se pode afirmar que uma teoria é verdadeira e sim, indicar que dentre as teorias existentes, uma das que se caracteriza por apresentar o melhor poder de explicação para os fenômenos investigados (POPPER, 1975). A ciência progride inicialmente por acumulação do conhecimento e, em um segundo momento pela substituição em termos de conteúdo do conhecimento (HATCH, 1997). Uma teoria pode ser considerada como “boa” se suas afirmações sobre determinado fenômeno, após ser testada, apresente resistência à falsificação. Popper (1975) expõe que quando cientistas descobrem

que determinada especulação é tida como falsa, há nesse processo o aprendizado do cientista sobre a verdade, de forma que é por meio dos erros que se aprende e que a ciência progride.

O processo científico se inicia a partir de problemas, os quais estão relacionados a compreensão e explicação de algum comportamento ou aspecto do mundo (POPPER, 1975). Mediante a isso, o cientista sugere hipóteses falsificáveis com o objetivo de solucionar os problemas propostos e, essas hipóteses são sujeitadas a novas críticas e a testes. Hipóteses que não resistem a esse processo devem ser eliminadas enquanto que, as demais que obtiveram êxito deverão ser submetidas a testes com maior rigor. Popper (1980) complementa que o *status* científico de uma teoria é adquirido pela sua capacidade de ser testada ou refutada. Nesse processo, as hipóteses necessitam ser corroboradas pela experimentação e observação de como determinado fenômeno ocorre, ou seja, necessitam ser comprovadas de forma empírica (POPPER, 1975).

Em momentos em que a teoria é corroborada, ou seja, quando superou as tentativas de falsificação, considera-se que esta encontra-se em um *status* de aceitação, mesmo que de forma provisória, pois todo novo teste é uma tentativa de refutá-la (POPPER, 1980). Desta forma, quando uma teoria é aceita, sua posição se torna provisória e encontra-se disponível para realização de novos testes, enquanto que, se a teoria for rejeitada, a mesma deverá ser excluída. Por outro lado, algumas teorias que se revelam falsas, após serem sujeitadas a testes, ainda podem ser sustentadas por seguidores que, por meio de alguma adaptação *ad hoc*, as reinterpretam e as inserem novamente ao processo de refutação (POPPER, 1980).

1.2 THOMAS KUHN E OS PARADIGMAS

O filósofo Thomas Samuel Kuhn é um dos pensadores que apresentam significativa contribuição para o conhecimento científico. Suas origens se pautam da Universidade de Harvard, na qual estudou física como licenciatura, mestrado e doutorado e atuou como psicanalista, historiador e filósofo da ciência (STANFORD, 2004). A obra mais deste autor é “A estrutura das revoluções científicas”, publicada em 1970. O processo científico é formado pelo cientista como um ser humano, que contribui para o desenvolvimento da humanidade por meio de fatos, teorias e métodos e a criação e validação da ciência, deve entrelaçar teorias, dados e paradigmas (KUHN, 2011).

Um dos conceitos essenciais introduzidos por Kuhn refere-se aos paradigmas. Para ele, os paradigmas consistem em “realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2011, p. 13). No senso comum, o paradigma é entendido como uma ideia ou uma linha de pensamento que oferece orientação sobre um determinado fato (KUHN, 2009). Entretanto, Kuhn (2009) enfatiza que, somente será considerado um paradigma, quando houver aceitação de uma comunidade científica. Assim, no processo científico, o paradigma pode ser explicado como um modelo ou padrão aceito pela comunidade científica que possui um poder de explicação para os problemas dos pesquisadores interessados.

Quando um paradigma encontra-se vigente, ele faz parte da ciência normal, a qual propaga-o, pois é aceito universalmente, sem a intenção de contrapô-lo, pois nesse estado os paradigmas são guiados por estudos clássicos e por diversos seguidores. Em momentos em que algum fenômeno não explicado pelo paradigma for identificado, não se ignora o paradigma e o fenômeno é visto como uma anomalia (KUHN, 2009). Entende-se, nessa visão, que nenhum paradigma poderá explicar todos os fenômenos, ou que consiga solucionar todos os problemas da comunidade científica (KUHN, 2009).

Em momentos de crise paradigmática profunda, em que a teoria criada por um cientista sofre alterações nos critérios que determinam sua legitimidade, são questionados os seus métodos, seus padrões científicos e suas soluções (KUHN, 2011). Quando o paradigma entra em crise já não possui suporte suficiente para explicar o que se dispunha a fazer, o paradigma antigo é comparado com o novo e surge a revolução científica. É nesta fase paradigmática que ocorre a revolução científica, pois se têm a substituição do paradigma vigente pelo novo (KUHN, 2009).

Em casos em que um paradigma dominante entra em crise, há na comunidade científica um momento de instabilidade, de forma que as regras determinadas pelo paradigma são reavaliadas e novas são colocadas à disposição da comunidade científica. Contudo, a substituição de um paradigma vigente demanda um longo processo de alterações, formulações, novos testes empíricos e o desenvolvimento de instrumentos que o expliquem (KUHN, 2011). Ressalta-se, que nesse período, o paradigma não é descartado em sua totalidade, pois, de acordo com Kuhn (2009, p. 109), “rejeitar um paradigma sem simultaneamente substituí-lo por outro é rejeitar a própria ciência”.

A proposição de revoluções científicas é, geralmente, realizada por cientistas jovens e que estão há pouco tempo no campo, são mais ingênuos e mais fáceis de serem influenciados por seus antecessores (KUHN, 2011). As teorias fornecem a base para as buscas científicas dos pesquisadores de modo que o investigador leva a sua teoria e a defende para explicar determinado elemento, entretanto quando se torna questionável os cientistas adotam novos instrumentos, tendo novas experiências sobre um determinado problema. Quando uma nova teoria é apresentada os cientistas iniciam o processo de aprendizado sobre ela, realizam investigações em suas aplicações, seja por meio da resolução de problemas com o uso de lápis, papel ou de instrumentos de laboratório (KUHN, 2011).

1.3 IMRE LAKATOS E OS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA

Durante a década de 1960 e 1970 a história da ciência foi incorporada nas pesquisas de diferentes filósofos, como parte de uma argumentação construída para criticar o pensamento de Thomas Kuhn, a exemplo deles podem-se citar David Hess e Imre Lakatos. A partir da visão de que a filosofia da ciência sem o aspecto histórico se tornaria vazia, da mesma forma que, a filosofia sem a ciência se tornaria cega, Lakatos insere sua visão sobre a ciência (BLACK, 2003).

Professor do departamento de filosofia da Faculdade de Economia de Londres desde 1960, Imre Lakatos foi um filósofo e estudioso da ciência e da matemática, juntamente com Karl Popper, defendia a inserção de aspectos relacionados a ciência e a matemática para investigações científicas (BLACK, 2006; BRIGGS, 2009). Entretanto, ambos os autores seguiram orientações distintas, no qual o primeiro centrou-se na falsificação de teorias e, o segundo, por meio dos programas de pesquisa permite a adaptação dos eventos para que estes não sejam falseados (BRIGGS, 2009).

As contribuições de Imre Lakatos para a ciência se centram na metodologia dos programas de pesquisa científica e considera, a exemplo de Karl Popper e Thomas Kuhn, que a experiência e os fatos observados continuam sendo os elementos essenciais para o progresso científico (LAKATOS, 1979, p. 160). De acordo com essa visão, o crescimento da ciência é obtido por meio de programas de pesquisa científica, os quais, consistem em regras metodológicas que oferecem subsídios aos pesquisadores, tanto sobre os caminhos que estes devem trilhar, quanto sobre os que devem ser evitados (LAKATOS, 1979). Nesse sentido, entende-

se que os programas de pesquisa são formados por um conjunto de teorias ou hipóteses que são aceitos e compõem o núcleo duro (SILVEIRA, 1996).

Lakatos (1979) explica que a ciência poderia ser comparada com um grande programa de pesquisa, pois ela considera elementos e fatos que possuem um maior conteúdo empírico, de modo que haja um progresso da ciência e novos conhecimentos sejam gerados. O pesquisador, por sua vez, tem o papel de atuar no sentido de articular sobre o poder de explicação do programa, de criar hipóteses e teorias auxiliares a fim de gerar um cinto de proteção envolta do núcleo que compõe o programa de investigação (LAKATOS, 1979). Mesmo que um programa de pesquisa não tenha conseguido suplantar o programa rival, Lakatos (1979) ressalva que pesquisadores não devem abandoná-lo, pois programa de pesquisa, mesmo que incipiente, poderá em algum momento ser reconstruído e até reinterpretado perante algum fato novo. Nesse sentido o programa derrotado pode oferecer resistência por muito tempo e, caso um cientista apresente, alguns anos depois, uma explicação científica sobre o programa derrotado, ele poderá se converter e ser aceito pelos demais cientistas e substituir o que o derrotou (LAKATOS, 1979).

O cinturão protetor se relaciona às hipóteses auxiliares, criadas pelo pesquisador, que oferecem resistências aos testes pelos quais o programa é submetido, e assim realizar os devidos ajustes para que o núcleo duro se torne mais forte. A heurística possibilita que pesquisadores modifiquem o cinturão protetor (SILVEIRA, 1996), este último, por sua vez, é composto por hipóteses e teorias auxiliares que protegem e dão sustentação ao núcleo duro. A heurística negativa não permite que qualquer obstáculo, como refutação ou anomalia, declare o núcleo duro falso, ou seja o núcleo do programa se torna irrefutável por decisão metodológica dos cientistas (LAKATOS, 1979). A heurística positiva, por sua vez, consiste num conjunto de sugestões ou palpites sobre o desenvolvimento de variantes refutáveis do programa de pesquisa, oferece a base para modificar e sofisticar o cinto de proteção refutável, e também subsídios para que o cientista não se confunda frente as anomalias (LAKATOS, 1979; Silveira, 1997).

O cientista necessita realizar investigações regulares para que ele possa provar o valor científico do seu programa, dessa forma, há uma antecipação de fatos novos e as teorias auxiliares contribuem para o poder de explicação do programa de pesquisa (LAKATOS, 1979). Nessa visão, quando as hipóteses do pesquisador são corroboradas por meio de observações o programa atinge certo grau de confiabilidade (BRIGGS, 2009).

A teoria somente adquire o *status* de científica quando for provado que ela constitui uma maior carga de corroboração empírica e conduzir o cientista à descoberta de fatos novos ao ser comparada com a teoria anterior (LAKATOS, 1979). Nesse sentido, uma teoria só será falseada, em momentos em que a teoria rival possuir um maior conteúdo empírico e quando apresentará algum fato novo ainda não explicado. Uma vez que a conjectura sobreviveu aos testes ela assume o papel de programa de pesquisa que irá orientar futuras pesquisas (BRIGGS, 2009). O progresso da ciência ocorre em algumas situações como: quando os problemas de pesquisa adquirem o caráter progressivo, as teorias conduzem a fatos novos, uma teoria falseada é substituída por uma nova com alto grau de corroboração (LAKATOS, 1979). Um programa de pesquisa progressivo constitui da presença de novos elementos e um programa recessivo, quando não se descobriu algo novo a ponto de não corroborar com as previsões do pesquisador, ou seja, quando a sua contribuição teórica não acompanha a sua contribuição empírica (SILVEIRA, 1996).

Lakatos (1979) faz alusão a ciência comparando-a com um campo de batalhas, no qual, programas de pesquisa competem muito mais do que apenas teorias isoladas. O autor ressalta que se pode saber pouco sobre como a ciência cresce e se desenvolve e quando o paradigma é uma teoria isolada. Entretanto, se a teoria isolada fizer parte de um programa de pesquisa, ela atinge o patamar de “ciência madura” ao invés de ser considerada apenas um teste de ensaio e erro sendo demarcado como “ciência imatura” (LAKATOS, 1979).

As teorias científicas surgem por meio de observações e descobertas por meio de um conjunto de dados empíricos (SILVEIRA, 1996). Torna-se relevante citar que a observação, por si só não produz conhecimento, entretanto se tais observações forem baseadas em teorias ou pressupostos que lhe dão orientação pode-se, a partir disso, considerar sua contribuição com a ciência. O conhecimento prévio do pesquisador, a respeito de como ele visualiza a realidade, contribui para o direcionamento sobre o que observar e em quais objetos direcionar sua atenção (SILVEIRA, 1997). O conhecimento científico é fruto da construção humana que reflete em observar, descrever, compreender e agir sobre a realidade.

1.4 ABORDAGEM DE ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Discussões sobre a abordagem da estratégia como prática surgiram, a partir de 1996, com o estudo “*Strategy as practice*” de Richard Whittington. Neste, o autor

apresentou a estratégia como prática como uma perspectiva emergente no campo da estratégia. O foco da estratégia na década de 1960, segundo Whittington (1996), era nos processos, ferramentas e técnicas formais gerenciais, sob um ponto de vista geral. Contudo, para Whittington (1996), a perspectiva da estratégia relaciona-se às rotinas e interações entre os praticantes da estratégia, sendo esta uma prática social. Nessa direção, a estratégia passa a considerar as atividades do dia-a-dia, que envolvem as ações e rotinas dos estrategistas (gestores, consultores ou membros organizacionais) e seus diferentes papéis envolvidos no *strategizing* ou no fazer estratégia.

Para Whittington (1996) o estudo da estratégia deve levar em consideração, além do desempenho organizacional, o desempenho dos estrategistas em si. Para tanto, o autor apresenta o desafio para pesquisa: conhecer como a estratégia está sendo realizada, no que tange ao “estrategista como praticante individual em sua arena particular da prática” (p. 733). Ou seja, como a estratégia é realizada na organização pelo estrategista? Nesse sentido, a estratégia como prática têm considerado com mais ênfase o papel dos indivíduos nos processos organizacionais, que engloba os níveis individual e organizacional e; macro e micro (BOON, 2001). Nesse sentido, autores como Johnson e Huff (1997), Lindell et al. (1998) e Whittington (1996) têm se interessado no estudo da estratégia sob o nível micro da organização.

A relevância de se conhecer as práticas estratégicas formadas em uma organização e identificar os estrategistas, por meio da perspectiva da estratégia como prática, se dá por aliar os níveis individual (estrategistas, gestores ou consultores) e organizacional (recursos e estruturas), nas atividades e ações estratégicas cotidianas dos estrategistas para o desempenho organizacional. Para a abordagem da estratégia como prática, esta é entendida como uma ação social, a qual envolve a interação entre as pessoas (WHITTINGTON, 1996). Nesta perspectiva, as práticas estratégicas são desenvolvidas por meio da relação entre os estrategistas, e passam a tornar-se uma prática quando legitimada e difundida na organização.

Os processos e práticas detalhadas nas atividades do dia-a-dia da organização, de acordo com Johnson, Melin e Whittington (2003), se relacionam com os resultados estratégicos da organização. O foco passa a considerar as microatividades que, muitas vezes, não são consideradas pela pesquisa em estratégia tradicional, mas que podem oferecer contribuições importantes para as

organizações e para os indivíduos que nelas atuam (JOHNSON; MELIN; WHITTINGTON, 2003).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para analisar se a estratégia como prática configura-se como sendo ciência segundo o conceito de ciência contido em Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos realizou-se um estudo de abordagem mista, qualitativo e quantitativo, descritivo e de caráter bibliométrico e sociométrico em relação aos procedimentos de coleta de dados, adotando a perspectiva temporal transversal com perspectiva longitudinal.

Para sua operacionalização conforme os critérios dos três autores, analisou-se o comportamento das publicações dessa abordagem, desde sua primeira publicação, em 1996 até o ano de 2014. Para a coleta de dados, fez-se uso de dados secundários, artigos publicados sobre a abordagem, bem como a consulta a planos de ensino de programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, em ambos os casos fez-se por meio eletrônico. Foram localizados entre os anos de 1996 a 2014, 268 artigos totalizando 268 publicações. Buscaram-se os artigos nas seguintes bases de dados e sites de pesquisa: Portal de Periódicos Capes, Scopus, Sage, Emerald, EBSCO, Spell e Google Acadêmico. Também foram realizadas buscas em eventos relevantes da área como EGOS (*European Group for Organizational Studies*), AOM (*Academy of Management*) e os eventos que compõem a ANPAD (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração).

Realizou-se também a análise documental de 184 planos de ensino de disciplinas relacionadas a área de estratégia de todos os programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração de mestrado e doutorado acadêmico recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A lista dos programas foi obtida em meio eletrônico no site CAPES e os planos de ensino a partir de consulta aos sites dos programas. Realizou-se a análise de conteúdo sobre os assuntos abordados em cada disciplina. Ressalta-se que não foi localizado no site as disciplinas ou planos de ensino de 2 universidades e em 1 delas não haviam disciplinas correlatas, as quais foram excluídas da amostra.

Para estabelecer os critérios de demarcação de cada autor, elaborou-se o Quadro 1, com o intuito de especificar como cada critério elencado por Karl Popper,

Thomas Kuhn e Imre Lakatos foram operacionalizados para a análise da configuração da abordagem.

Quadro 1 – Operacionalização da pesquisa com base nos critérios de Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos

Karl Popper	Thomas Kuhn	Imre Lakatos
Falseacionismo	Paradigmas	Programas de Pesquisa
Critérios: ser falsificável, ser verificável, possibilitar a descoberta de fatos novos e apresentar resistência aos testes e críticas (POPPER, 1975).	Critérios: ser considerado um modelo ou padrão aceito pela comunidade científica e universalmente e que fornece solução aos problemas (KUHN, 2011).	Critérios: a heurística possibilita que pesquisadores modifiquem o cinturão protetor para proteger e sustentar o núcleo duro (LAKATOS, 1979).
Como será analisado: como as pesquisas na abordagem são empíricas, classificam-se nos critérios de serem falsificáveis e verificáveis. Assim, serão observados o total de artigos publicados por ano com o propósito de observar se existe alguma regularidade no total de publicações e se a abordagem apresentou algum conceito novo.	Como será analisado: a aceitação da comunidade científica será analisada por meio da inserção dessa abordagem nos planos de ensino da disciplina de estratégia nos cursos de pós-graduação do Brasil.	Como será analisado: pela presença de um cinturão protetor que dê sustentação a teoria, somado a isso, a heurística negativa (se autores seminais da abordagem continuarem a realizar estudos para eliminar anomalias) e heurística positiva (se houver alguma modificação e sofisticação na abordagem para protege-la).

Fonte: Elaborado pelos autores.

A análise dos dados comparou a estratégia como prática a cada um dos critérios elencados no quadro 1 e a partir disso investigou-se: a) o total de artigos publicados por período, b) as associações entre pesquisadores internacionais, c) os temas aos quais as disciplinas foram enquadradas, levando-se em consideração aqui o conteúdo apresentado e as instituições de ensino que ofereciam tais disciplinas e; d) a análise de conteúdo dos assuntos abordados em casa plano de ensino, conforme indica Bardin (2010). Fez-se uso do software Ucinet 6.0 para gerar o gráfico de associação entre pesquisadores.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 O OLHAR DE KARL POPPER SOBRE A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Karl Popper defende o pressuposto de que as teorias, periodicamente, necessitam ser colocada em teste, confrontadas e debatidas, fatos esses que

provam a validade da teoria ou da linha de pensamento e somando-se a isso, as teorias necessitam resistir aos procedimentos e provas submetidos pelos pesquisadores. Tendo em vista essas premissas, fez-se uso dos critérios de Karl Popper para testar a abordagem de estratégia como prática. Cabe mencionar, que esta abordagem surgiu com um propósito de olhar a organização sob um ponto de vista micro, no qual, qualquer indivíduo da organização, poderia, contribuir para o processo de criação das estratégias. Entretanto, há um debate na academia entre pesquisadores de estratégia a respeito das contribuições dessa abordagem.

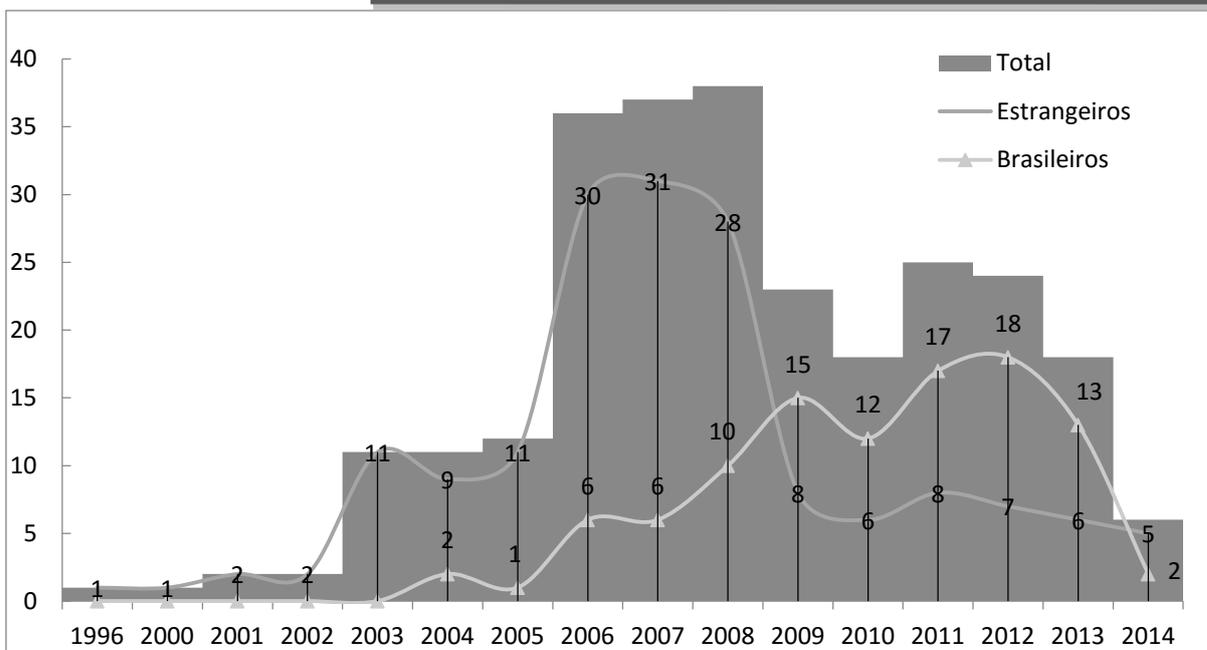
Pesquisadores de estratégia, por outro lado, consideram que esta é formulada e implementada por um conselho de administração, que reúne as ideias, realiza a análise dos ambientes interno e externo, das forças e fraquezas da organização para que haja um ajuste essencial entre as oportunidades do ambiente e as competências da organização, e assim, definir a estratégia, avaliá-la e implementá-la, por meio de um processo periódico de avaliação da sua consecução (MINTZBERG, 1991). Entretanto, nesse processo, a interação e comunicação entre os setores também contribuem para o processo de criação de estratégias. Este último, não é abordado de forma transparente pela pesquisa em estratégia.

Em contrapartida, pesquisadores de estratégia como prática indicam que, as pesquisas em estratégia deixam de considerar as interações entre os atores organizacionais para a criação das estratégias. Ela parte do pressuposto de que qualquer indivíduo pode se tornar um ator estratégico, como uma pessoa do nível operacional, um consultor, um estudante, entre outros.

Karl Popper defende os critérios de que a teoria necessita ser falsificável, ser verificável, possibilitar a descoberta de fatos novos e resistir aos testes e críticas. Para testar a abordagem de estratégia como prática foi observado o total de artigos publicados por ano, desde a sua criação, a fim de observar, se existem ou não, regularidades no total de publicações.

Pode ser observado, no Gráfico 1, que a quantidade de artigos publicados sobre a abordagem é de 166 para o exterior e 102 para o Brasil, totalizando 268 publicações em um período de 18 anos. O primeiro estudo foi publicado em 1996 até os últimos, em 2014.

Gráfico 1- Total de artigos estrangeiros e brasileiros sobre estratégia como prática



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do total de publicações é possível observar se a abordagem está resistindo as críticas e testes, desde sua primeira publicação. Verifica-se que é apresentada uma diferença entre os estudos internacionais e do Brasil. No exterior, desde a sua primeira publicação até o momento do crescimento em publicações, envolveu um período temporal de 8 anos (de 1996 até 2003).

Nota-se, que houve um aumento no número de publicações entre 2003 e 2005, entretanto, os anos que apresentaram os maiores picos de produção foram 2006, 2007 e 2008, cada período com 30, 31 e 28 artigos publicados. Um fato interessante que pode ser notado, que compreende ao período de 2008 a 2009, é a queda brusca de 3,5 vezes no volume de publicações desse período. Entre os anos de 2009 percebe-se uma estabilidade com poucas publicações sobre a abordagem.

Por outro lado, um fato contrário ao movimento do exterior ocorre com as publicações do Brasil. A abordagem começou a ser estudada no Brasil, no ano de 2004 e, a partir de 2008 o volume de publicações apresentou aumento considerável, apresentando nos anos de 2009, 2011 e 2012 os maiores picos de produção, apesar de que em 2013 ter apresentado uma leve queda, mas mantendo o fluxo contínuo de publicações.

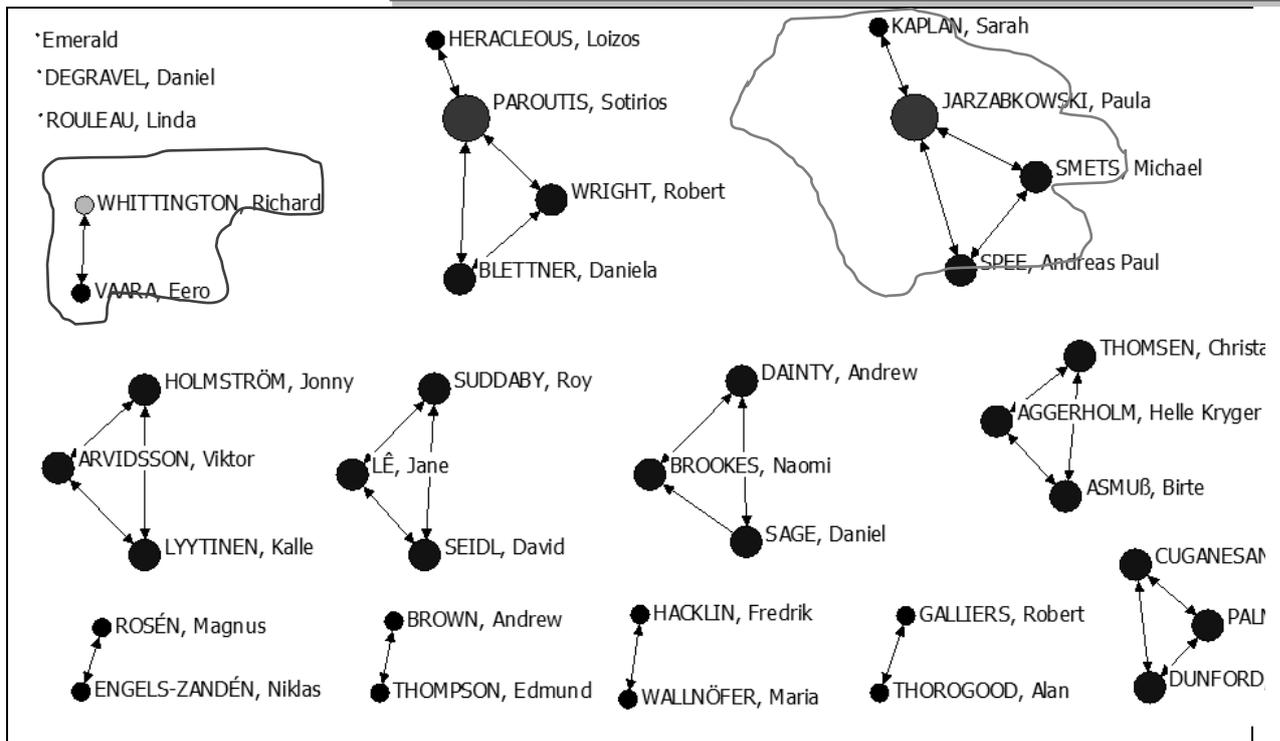
Observando-se o comportamento da abordagem, de acordo com a ótica de Karl Popper analisa-se que desde o seu surgimento, levaram-se alguns anos para que a abordagem fosse formando interesse entre os pesquisadores. Entretanto, o volume de publicações entre 2006 e 2008 apresentaram indícios de que a

abordagem despertava interesse de pesquisadores e se caracterizou como um período de intensos testes e procedimentos para verificação das contribuições da abordagem. Conforme a visão de Karl Popper, nos anos seguintes, houve uma redução que pode ser atribuída a dois fatores: o primeiro, de que poderia ser característico de um desinteresse de pesquisadores, ou seja, de que a abordagem não resistiu a críticas e não explicou todos os fenômenos ao qual se propôs a explicar ou, o segundo, de que os assuntos iniciais de que a abordagem se propôs a investigar se sessaram e que há um espaço de reflexão dos pesquisadores e maior amadurecimento da abordagem para a explicação de novos fenômenos.

De acordo com Popper (1975), dentre as diversas teorias existentes o pesquisador, que não tem certeza se o conhecimento é verdadeiro, tende a optar por uma teoria que apresenta uma validação mais rigorosa, fato esse que se aparenta carente na abordagem em estudo. Popper (1975) explica que a nova teoria deve suplantar a teoria antecessora em seu poder de explicação dos fenômenos e também oferecer esclarecimentos sobre o que a anterior apresentava falhas.

Com o propósito de verificar, como os autores dessa abordagem realizaram associações com outros pesquisadores nos últimos 2 anos, foi elaborada a Figura 1 com o intuito de apresentar as associações entre os pesquisadores de estratégia como prática do exterior. Ressalta-se que, optou-se pelo período de 2 anos (de 2012 a 2014), por ter sido apresentado em um estudo anterior as associações desses autores da abordagem entre os períodos de 1996 a 2011.

Figura 1 – Associações entre os pesquisadores de estratégia do exterior



Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 1 ilustra os pesquisadores estrangeiros que realizaram publicações sobre a abordagem. Observa-se que, nos últimos dois anos, houve uma queda no volume de artigos e com um campo que se configura com pequenas associações entre autores. Richard Whittington, autor que deu origem a abordagem, teve 1 publicação e Paula Jarzabkowski, uma das autoras seminais da abordagem, teve 2 publicações. O estudo de Richard Whittington propôs uma agenda de pesquisas para a abordagem de estratégia como prática e, as publicações de Paula Jarzabkowski se focaram em como os gerentes fazem uso de artefatos para criação das estratégias e, com um olhar sociológico, como as ferramentas estratégicas são utilizadas pelos estrategistas.

Cabe aqui realizar algumas considerações sobre a Figura 1. É instigante verificar que autores seminais, que criaram a abordagem, realizaram um número reduzido de publicações nos últimos anos. Seria de interesse de tais autores que a abordagem prosperasse, que angariasse um maior número de seguidores e de estudiosos interessados em observar os fatos organizacionais, e sob a lente dessa abordagem que houvesse um aumento no total de publicações. Entretanto esse fato não se confirma no exposto. Teria a abordagem de estratégia como prática não resistido aos testes dos pesquisadores? Estariam estes últimos migrando para outras áreas? Ou este momento se configuraria como um momento de reflexão e pausa desses pesquisadores? Um indício de que estudiosos dessa abordagem

estariam em um momento de reflexão seria a proposição da agenda de pesquisa, proposta por Richard Whittington.

Sob a ótica de Karl Popper, a abordagem de estratégia como prática oferece indícios de ter sido falsificada. Popper (1975) ressalta que um dos papéis do teórico é avaliar o progresso da teoria e imaginar situações nas quais ela pode oferecer falhas e que o aprendizado do cientista sobre a verdade ocorre em momentos em que as teorias são tidas como falsas. Nesse sentido o autor ressalta que por meio dos erros se atinge o progresso da ciência.

3.2 O OLHAR DE THOMAS KUHN SOBRE A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Nessa subseção é analisada a configuração da estratégia como prática sob o ponto de vista Thomas Kuhn. Uma das contribuições desse autor, para a demarcação de conhecimento científico, é o conceito de paradigma. Assim, paradigma é entendido como realizações aceitas por uma comunidade científica e reconhecidas universalmente que oferecem soluções para os problemas propostos pelos cientistas (KUHN, 2011).

Thomas Kuhn, ao introduzir o conceito de paradigma, o considera como um modelo ou padrão aceito pela comunidade científica e que fornece solução aos problemas (KUHN, 2011). Dessa forma, para a análise da configuração da abordagem de estratégia como prática, fez-se uso dos conceitos de paradigma e de comunidade científica. Ao se analisar uma abordagem, a aceitação da comunidade científica pode se configurar no modo como a estratégia como prática é inserida no ensino de estratégia por parte dos professores dessa disciplina. Acredita-se que o professor, possui conhecimento suficiente para considerar ou não o poder de explicação dessa abordagem. Nesse sentido, é por meio da análise dos conteúdos das disciplinas de estratégia e de disciplinas correlatas, que se pode considerar ou não a relevância dessa abordagem. Ao ser inserida nos conteúdos didáticos, acredita-se que a abordagem pode adquirir características similares a de um padrão aceito, ou seja, paradigma. A Tabela 2 apresenta um enfoque geral no qual as disciplinas de estratégia foram enquadradas, conforme o seu foco estudo. Ressalta-se que, para uma melhor visualização da Tabela 2, optou-se por apresentar os enfoques que compreendiam 5 ou mais disciplinas relacionadas a área de estratégia.

Tabela 2 – Total de disciplinas relacionadas à estratégia ministradas no Brasil

Tema geral das Disciplinas	Total	%	Universidades	IES	%
Estratégia Tradicional	42	22,83 %	UNAMA; UFPB/JP; UFPE; UEL; UFPR; UEM; UFF; FGV-RJ; UNIGRANRIO; UFRN; UFRGS; UFSM; UNISINOS; UCS; UDESC; FURB; UNISUL; USP; UNIMEP; UMESP; FEI; UNIP; UNINOVE; USCS; UNIFOR; PUC-Rio; FGV-SP e PUC-RS.	28	48,28 %
Estratégias de Marketing	18	9,78 %	UFMG, UFLA, PUC-Minas, UFPB/JP; UFPE; UEL; PUCPR; UNISINOS; UCS; PUC-SP; UNIMEP; UNINOVE; UNIFOR; FUCAPE; USP-RP; PUC-RS	16	27,59 %
Estratégias Internacionais	13	7,07 %	FUMEC; PUC-Minas; UFPB-JP; UEM; UFSM; UNISINOS; FURB; ESPM; UNIFOR; FGV-SP; PUC-RS	11	18,97 %
Estratégia e Competitividade	9	4,89 %	UFBA; UNIFACS; UNB; PUC-Minas; UEM; UFSM; IMED; UNIP; USP-RP	9	15,52 %
Estratégia e Inovação	8	4,35 %	UFPB/JP; PUCPR; USP; UNINOVE; UNIFOR e UPM	6	10,34 %
Estratégia como Prática Social	7	3,80 %	UFES, UFLA, UNAMA, PUCPR; UP; UFRGS e FGV-SP	7	12,07 %
Estratégia de Gestão de Pessoas	7	3,80 %	UFPE; PUCPR; UDESC; UMEP; USCS; FMU e USP-RP	7	12,07 %
Teorias da Estratégia	6	3,26 %	UFLA, PUC-Minas; UFPE; UNAMA; PUCPR e PUC-RS	6	10,34%
Planejamento Estratégico	6	3,26 %	UFV; UFPB/JP; UNIVALI; UNISUL e USP	5	8,62%
Estratégia e Finanças	6	3,26 %	UFPE; PUCPR; UNIR; UNIMPE; UMESP e ESPM	6	10,34%
Estratégia de Operações e Logística	6	3,26 %	PUCPR; UNIMEP; UPM e UFC	4	6,90%
Estratégia e tecnologia da Informação	5	2,72 %	PUCPR; UP; USP e UNINOVE	4	6,90%

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange aos temas das disciplinas de estratégia apresentados pela Tabela 2, pode-se notar uma maior predominância de disciplinas relacionadas a estratégia tradicional, a qual foi agrupada com um total de 42 disciplinas de 28 instituições brasileiras. Em seguida, tem-se as visões da estratégia relacionadas ao marketing, a internacionalização, a competitividade e a inovação.

A estratégia como prática é abordada em 2 disciplinas específicas, uma na Universidade Federal de Lavras (UFLA) denominada de “Estratégia como prática social” e a outra na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) chamada de “*Strategy as practice*”. Já a inserção da abordagem no conteúdo das disciplinas

relacionadas a estratégia foi realizada em 5 disciplinas das universidades Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade da Amazônia (UNAMA), Universidade Positivo (UP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). O Quadro 2 foi elaborado no intuito de apresentar os conteúdos estudados nas ementas das disciplinas, para assim, ser realizada a análise conjunta entre a Tabela 2 e o Quadro 2 da abordagem de estratégia como prática sob a ótica de Thomas Kuhn. Ressalta-se que nesta visualização, apresentou-se os conteúdos das sete temáticas que agrupavam o maior número de disciplinas.

Quadro 2 – Análise de conteúdo das ementas das disciplinas relacionadas a área de estratégia

Ementas agrupadas nos planos de ensino	
Estratégia tradicional (42 disciplinas)	Conceitos e origens da estratégia; escolas da administração estratégica; ambiente interno e externo; competição; ferramentas e VBR; planejamento estratégico; posicionamento; teoria dos jogos; custos de transação; escola crítica; sistemas dinâmicos; conteúdo e processo; estratégia e estrutura; liderança; escolha estratégica; mudança estratégica; capacidades organizacionais; paradoxos da estratégia.
Estratégias de Marketing (18 disciplinas)	Natureza e objetivos de marketing; marketing estratégico; competição; implantação da estratégia e marketing; VBR; orientação para o mercado; estratégia corporativa; marketing e vantagem competitiva; implantação de estratégia e de marketing; pesquisa acadêmica em marketing estratégico; estratégias em varejo e em serviços; canais de distribuição; análise de mercado; comportamento do consumidor e do comprador.
Estratégias Internacionais (13 disciplinas)	Internacionalização como estratégia; teorias e modelos de internacionalização; estratégias de entrada em mercados internacionais; abordagens econômicas, comportamentais e de network; desenvolvimento de subsidiárias; coordenação e controle de operações internacionais; modos de entrada; tipologia de estratégias; estudo das estratégias de internacionalização; administração de negócios internacionais; complexidade do ambiente internacional de negócios; temas complementares.
Estratégia e competitividade (9 disciplinas)	Conceitos básicos de estratégia e visão histórica; estratégias financeiras e competitividade empresarial; sistemas de avaliação de desempenho; planejamento estratégico; principais escolas; estratégias

	competitivas; sustentabilidade e globalização como vantagens competitiva; informação, conhecimento e estratégia; estratégia e aprendizagem; processos complexos; valor econômico e vantagem competitiva; estratégias de criação e captura de valor; estratégias empresariais e modelos de negócio; competição na ótica da organização industrial e da teoria da estratégia.
Estratégia e inovação (8 disciplinas)	Alinhamento entre estratégia e inovação; teorias e conceitos sobre estratégia e inovação; vantagem competitiva; modelo da gestão da inovação; mercados internacionais; vantagens de escala; integração da inovação nas estratégias organizacionais; inovação no desenho e configuração do negócio; operacionalização de modelos de negócios
Estratégia como Prática (2 disciplinas específicas e 5 disciplinas que inseriram a temática)	Visão geral da estratégia; escolas de estratégia; estratégia na perspectiva econômica e social, clássica, moderna e pós-moderna; estratégia na abordagem processual; estratégias deliberadas e emergentes; estratégias sinópticas e incrementais; competência essencial e vantagem competitiva; níveis de aplicação da estratégia empresarial; estratégia e mudança; estratégia como prática social; ação social e prática social; teoria da ação; atores sociais na estratégia; micro-processos de estratégia; <i>strategizing</i> ; ferramentas; reflexões críticas sobre a produção do conhecimento em estratégia como prática; novos conhecimentos sobre estratégia como prática social;

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme os dados da Tabela 2 e do Quadro 2 é possível verificar que a área de estratégia se direciona para os aspectos tradicionais da área, de modo que são abordados conteúdos como as origens da estratégia, as escolas da administração com base em Henry Mintzberg, questões ambientais, ferramentas estratégicas, vantagem competitiva, planejamento estratégico, entre outros. Fica evidente que, nessa visão, não há abertura para inserção de aspectos sociológicos da estratégia, como a estratégia como prática. Assim, a estratégia considera com mais detalhe os aspectos macro da estratégia, em lugar dos aspectos micro.

Apesar de haverem 2 disciplinas no Brasil relacionadas a estratégia como prática e de que, em 5 disciplinas houve a preocupação dos professores em inserirem essa abordagem em seus planos de ensino, nota-se que a abordagem ainda é incipiente no campo da estratégia. Esse contexto reflete que pesquisadores estão mais interessados em considerar outras temáticas da estratégia, uma vez que

a estratégia tradicional é exposta em 42 disciplinas e, a estratégia como prática, mencionada em apenas 5. Isso reflete a falta de interesse de docentes nessa abordagem.

Comparando o resultado da seção anterior (o olhar de Karl Popper sobre a estratégia como prática) com a visão de Thomas Kuhn, fica evidente que, além de haver uma redução na produção científica da área, de modo que, os conceitos iniciais que a abordagem criou e as perguntas de pesquisa que ela se propunha a responder, atingiram um pico em um período de 3 anos, ou seja, despertaram a atenção de um número de pesquisadores interessados em olhar a estratégia sob esta perspectiva e, após esse período, esse volume apresentou uma queda brusca.

Pressupõem-se que, um dos fatores dessa redução, possa estar relacionado a uma massa crítica, que investigou todos os possíveis assuntos que a abordagem apresentou, e desse modo, não haveriam mais propostas de investigação que despertassem a atenção de cientistas. Aliado a isso, o desinteresse da comunidade científica (professores) em apresentar a abordagem, inserida na disciplina de estratégia, aos seus alunos indica que esses atores não se interessam na continuidade da abordagem. Dessa forma, se não é de interesse que professores que a apresentem a seus discentes, logo, nota-se que não foi vista como tão relevante para essa comunidade.

A partir dessas inferências, pode ser verificado um movimento contrário a desenvolvimento da abordagem, uma vez que os pesquisadores deixaram de se interessar por ela e a comunidade científica da área apresentou um desinteresse em investigar questões que ela se propunha a responder. A abordagem de estratégia como prática não apresenta indícios de que tenha atingido o *status* de paradigma, uma vez que a comunidade científica, após realizar discussões, não continuou a realizar pesquisas ou a estudá-la em sala de aula. Nesse sentido, se a abordagem tivesse se fortalecido a ponto de ter atraído um maior número de pesquisadores interessados inicialmente, e depois de um determinado período de tempo, terem se convertido, haveriam condições para considerá-la num momento pré-paradigmático ou paradigmático. Entretanto, houve um movimento contrário à isso acontecesse.

Tendo em vista a ótica de Kuhn (2011) o comportamento da estratégia como prática indica que ela não apresentou forças ou um poder de explicação maior para suplantarmos o paradigma anterior, a estratégia. O autor defende a ideia de que o cientista não deve se fixar em determinado paradigma e aceitá-lo como verdade, pois considerá-lo como o correto impede que ele possa enxergar novos fenômenos

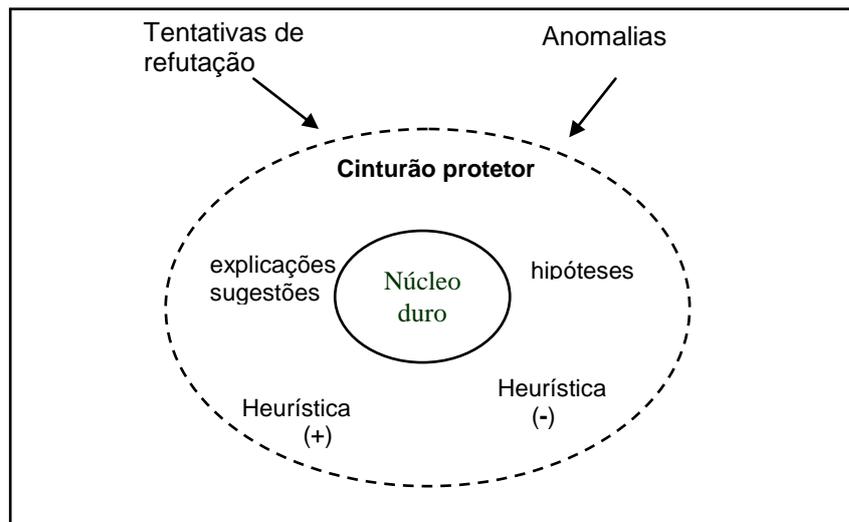
na organização, ou ainda, que ele se prende somente a enxergar de acordo com a visão que a teoria possibilita, fato esse que pode engessar o cientista sobre a realidade. Normalmente as revoluções científicas e mudanças são propostas por cientistas jovens, recém-formados, que estão a pouco tempo na comunidade, que apresentam dificuldades de enxergar os fenômenos e os problemas e, com mais facilidade, podem ser influenciados por seus antecessores (KUHN, 2011).

Na Tabela 2 foram apresentados os enfoques das disciplinas de estratégia do Brasil. Cabe aqui mencionar que, além dos enfoques apresentados, houveram outros 26 enfoques na área da estratégia que abordavam disciplinas relacionadas a: análise da aprendizagem e da mudança organizacional na estratégia (UEM; UP e FGV-SP), economia da estratégia (UFRN; FGV-SP; USP-RP e UFC), estratégia em redes (UFSM; FUFSE; USCS e ESPM), estratégia em pequenas empresas (UFG; FUFSE e UNINOVE), estratégia e institucionalização (PUCPR; UEM e UFRRJ), estratégia e governança na administração pública (UFLA; UNIGRANRIO e FUCAPE), estratégias no agronegócio (UFLA; UFRGS e UFSM), estratégia e sistemas produtivos (UEM e UCS), gestão de recursos estratégicos (UNIFOR e UPM), estratégia de varejo e serviços (PUCPR e UNISUL), gestão estratégica da informação (UNISINOS e PUC-RS), pesquisa em estratégia (UNIVALI e FGV-SP), alinhamento estratégico (UNIP), estratégica clusters e arranjos produtivos (UECE), estratégia e comunicação nas organizações (UNISUL), estudos de caso em estratégia (UFPE), estratégia e políticas empresariais (PUCPR), estratégia em áreas funcionais (PUCPR), conhecimento em estratégia (UPM), estratégia e complexidade (UP), estratégia e competências organizacionais (UNIR), estratégias de desenvolvimento da produção (UFRPE), estratégia e sustentabilidade (UNIFOR), direção estratégica (UFSC), alianças estratégicas (UNISUL) e estratégias empresariais e mudanças climáticas (USP).

3.3 O OLHAR DE IMRE LAKATOS SOBRE A ESTRATÉGIA COMO PRÁTICA

Lakatos (1979) considera que os programas de pesquisa se formam a partir de teorias aceitas pela comunidade científica, as quais oferecem ações que os pesquisadores deveriam seguir e outras evitadas, no intuito de criarem um cinturão protetor e fortalecerem o núcleo duro que compõe o programa de investigação. A Figura 2 ilustra como deve ser constituído um programa de pesquisa conforme esta visão.

Figura 2 – Esquema de um programa de pesquisa de Lakatos



Fonte: Adaptado de Chibeni (2004).

O cinturão protetor é formado por hipóteses e explicações, criadas pelos pesquisadores, as quais protegem o núcleo duro, para que assim, o programa de pesquisa não seja refutado, ou que tenha seu poder de explicação reduzido (LAKATOS, 1979). Para que os programas de pesquisa se adequem e se protejam dos testes e críticas o autor acrescenta os conceitos de heurística positiva e negativa para a redefinição da proteção do cinturão, assim a primeira impede que refutações ou anomalias falsifiquem o núcleo duro, enquanto que a segunda envolve sugestões ou palpites para sofisticar o cinturão protetor (LAKATOS, 1979; SILVEIRA, 1997).

Ao se analisar a abordagem da estratégia como prática, aos olhos e conceitos de Imre Lakatos, entende-se que ela, para ser vista como um programa de pesquisa deve se constituir de um núcleo duro para que o cinturão protetor possa dar sustentação a abordagem. Contudo, ela não apresentou um núcleo duro, estabelecido, composto por pesquisadores, professores e que oferecesse respostas aos problemas propostos. Além disso, se constatou que o núcleo não se fortaleceu, da mesma maneira se não se pode considerar que haja um cinturão de proteção para que ela possa ser classificada como um programa de investigação.

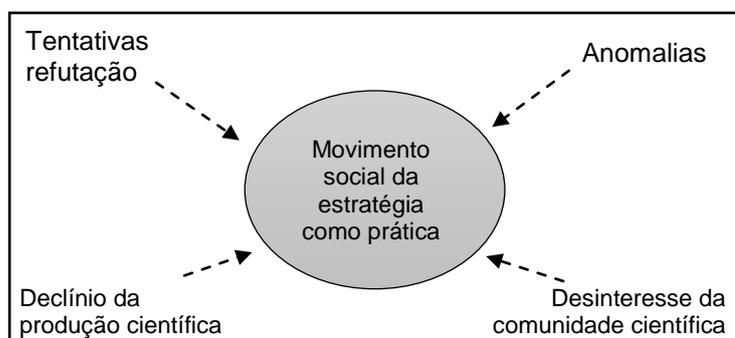
O núcleo duro da estratégia como prática estaria fortalecido se ele fosse composto por um grupo de pesquisadores e de docentes que fossem capazes de oferecer respostas aos problemas da área de estratégia, se tivessem um maior número de artigos publicados, mais autores defendendo-a e ainda, mais críticas. Se o núcleo estivesse fortalecido, talvez autores clássicos da área da estratégia já

teriam realizado suas considerações a respeito dela, ou seja, porque o Henry Minzberg, que é atuante na academia, não se pronunciaram a respeito dela?

Os resultados corroboram a ideia de que a estratégia como prática pode ser explicada como uma lógica de movimento social que se iniciou, teve um pico de estudos relacionados, e aos poucos houve um desinteresse dos pesquisadores, fazendo com que gradualmente fosse desaparecendo. Assim, a tentativa de organizar um movimento social em que diferentes autores publicaram sobre essa abordagem não foram suficientes para que ela chegasse a ser constituída como um núcleo duro irrefutável, para que a partir disso fosse protegido pelo cinturão protetor (heurística positiva e heurística negativa).

A Figura 3 ilustra como se configura a estratégia como prática conforme a visão de Imre Lakatos, Karl Popper e Thomas Kuhn:

Figura 3 – Esquema de configuração da estratégia como prática



Fonte: Elaborado pelos autores.

A configuração do campo da estratégia como prática se constituiu em um movimento social criado por um grupo de pesquisadores da área de estratégia, os quais ofereceram um olhar diferenciado para as questões de nível micro e macro. Entretanto esse movimento foi imbuído de algumas críticas, identificação de anomalias nos problemas a que ela se propunha a responder, de refutações de outros pesquisadores e de até, membros desse grupo social que perderam o desinteresse pela abordagem. Isso fica claro em virtude da redução no número de publicações e, em adição, com o desinteresse pela abordagem e interesse em

outras áreas por parte da comunidade científica, fatos esses últimos que não permitiram com que a abordagem resistisse aos testes, chegasse a uma fase pré-paradigmática ou que possuísse um núcleo duro. A existência da não-regularidade de publicações científicas contribuiu para sua não-consolidação dentro da área da estratégia. Esse fato é observado por pesquisadores que, em um primeiro momento estudaram a abordagem, e depois de um determinado período de tempo a deixaram de pesquisar, ou seja, não houve uma continuidade das pesquisas relacionadas a abordagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar se a estratégia como prática configura-se como sendo ciência segundo o conceito de ciência contido em Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos. Considerando o pensamento de Karl Popper a estratégia como prática apresentou em um período de 3 anos um volume grande de publicações internacionais, apresentando indícios de que ela despertava interesse de pesquisadores, mas, na sequência, a abordagem passou por um momento de decadência no volume de publicações, permitindo inferir a existência de a uma massa crítica, que investigou todos os possíveis assuntos que a abordagem apresentava, enexistindo mais propostas de investigação que despertassem a atenção de cientistas, isto pode estar relacionado a publicação de uma agenda de pesquisas sobre a abordagem, proposta por Richard Whittington. Por esses motivos a estratégia como prática oferece indícios de ter sido falsificada.

Outro ponto analisado foi a lógica de Thomas Kuhn, na qual o desinteresse da comunidade científica (professores) em apresentar a abordagem, inserida na disciplina de estratégia aos seus alunos, indica que esses atores não visionaram importância na abordagem para que futuros novos pesquisadores e docentes pudessem dar continuidade à ela. Dessa forma, se não é de interesse que professores a apresentem a seus discentes, infere-se que não foi vista com relevância para a comunidade científica. A partir dessas inferências, pode ser verificado um movimento contrário ao desenvolvimento da abordagem, uma vez que a pesquisadores deixaram de se interessar por ela e a comunidade científica, apresentou um desinteresse de investigar questões que ela se propunha a responder.

Sob a perspectiva de Imre Lakatos a estratégia como prática também não apresentou indícios para que pudesse ser considerada um programa de pesquisa, pois não chegou a formar um núcleo duro na qual pesquisadores e professores realizassem investigações e desenvolvessem novas agendas de pesquisa, defendessem a abordagem de críticas. Uma vez que o núcleo duro não foi formado, o cinturão de proteção também não pode existir.

A realização da discussão de Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos apresenta contribuições para a cientificidade da administração, uma vez que, no processo de construção do conhecimento, mesmo que uma hipótese seja refutada, ela gera um aprendizado para a comunidade científica, fato esse que favorece a construção do conhecimento científico. O movimento científico contrário de aceitação da abordagem de estratégia como prática permitiu inferir por meio da ótica de Karl Popper, Thomas Kuhn e Imre Lakatos, que ela não resistiu aos testes, não chegou até a fase pré-paradigmática e, ainda, o núcleo duro não se formou. O campo da administração é formado por situações em que abordagens ou movimentos sociais alcançam momentos como este, no qual a estratégia como prática se encontra atualmente. Assim, pesquisadores se reuniram no intuito de chamar a atenção da comunidade científica, mas sem espaço para a abordagem.

A administração por fazer parte da área das ciências sociais adota diferentes critérios que a podem caracterizar como ciência, seus critérios diferem dos empregados nas ciências naturais como observações ou experimentos. Entretanto, a administração contribui para a construção do conhecimento científico por meio do rigor metodológico empregado pelas pesquisas, pela aceitação ou não da comunidade científica sobre novas hipóteses ou abordagens, pelo ensino de temas relacionados a área. Há uma preocupação de pesquisadores com questões metodológicas, validade das pesquisas em administração e a ética dos pesquisadores, isso se percebe pela evolução da construção dos artigos no contexto brasileiro. Desta forma, conclui-se que a administração quando representada pela abordagem da estratégia como prática e analisada sob os critérios de demarcação científica de Popper, Kuhn e Lakatos, não pode ser considerada uma ciência. As limitações deste estudo consistem na análise das ementas das disciplinas dos programas de pós graduação *stricto sensu*, pois a existência de uma ementa não infere que a disciplina seja ofertada pelos programas e que os alunos se matriculem nela, portanto, sugere-se aprofundar o estudo analisando a oferta das disciplinas e sua aceitação por parte dos alunos.

REFERÊNCIAS

BLACK, Suzanne. Imre Lakatos and literary tradition. **Philosophy and Literature**, v. 27, n. 2, p. 363-381, 2003.

BOON, Ingrid. Developing strategic thinking as a core competency. **Management Decision**, v. 3, n. 1, p.63 – 71, 2001.

BRIGGS, Richard S. The methodology of hermeneutical research programs in biblical studies: some insights from the work of Imre Lakatos. **The Heythrop Journal**, v. 50, n. 1, p. 109-115, 2009.

CHIBENI, Silvio S. **O que é ciência?** Departamento de Filosofia da UNICAMP. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/ciencia.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2014

HATCH, M. J. **Organization theory**: modern, symbolic and postmodern perspectives. Oxford: Oxford University Press, 1997.

JOHNSON, Gerry; MELIN, Leif; WHITTINGTON, Richard. Micro strategy and strategizing: towards and activity based view. **Journal of Management Studies**, v. 40, n. 1, p. 1–224, Jan. 2003.

JOHNSON, Gerry. et al. **Strategy as practice**: research directions and resources. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KÖCHE, José C. **Fundamentos de metodologia científica**. Teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1997.

KÖCHE, José C. **Pesquisa científica**: critérios epistemológicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução de Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. 10. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LAKATOS, Imre. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (Orgs). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979. p. 109-243.

JOHNSON, Gerry; MELIN, Leif; WHITTINGTON, Richard. Micro strategy and strategizing: towards an activity-based view. **Journal of Management Studies**, v. 40, n. 1, p. 3-22, jan. 2003.

MINTZBERG, Henry. The Design School: Reconsidering the Basic Premises of Strategy Management. **Strategic Management Journal**, v. 11, p. 171-195, 1990.

POPPER, Karl Raimond. **Conjecturas e refutações**. Brasília: Editora da UnB, 1980.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

PORTER, Michael E. **Vantagem Competitiva**: criando e sustentando um desempenho superior. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SILVEIRA, Fernando L. da. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Imre Lakatos. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, v. 13, n. 3, p. 219-230, 1996.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. **Thomas Kuhn**. Ago. 2004. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/thomas-kuhn/#1>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

WHITTINGTON, Richard. Strategy as practice. **Long Range Planning**, v. 29, n. 5, p. 731-735, Oct. 1996.

WHITTINGTON, Richard. The work of strategizing and organizing: for a practice perspective. **Strategic Organization**, v. 1, n. 1, p.119-127, 2003.

Artigo recebido em: Outubro/2014

Aceito em: Dezembro/2014